

A geografia fantástica de Jules Verne de Zanzibar de volta ao Saara ou de "cinco semanas em um balão" à "extraordinária aventura da Missão Barsac" 1863-1905

The fantastical geography of Jules Verne from Zanzibar back to Sahara or from "five weeks in the balloon" to the "extraordinary- adventure of Mission Barsac" 1863-1905

DOI 10.5281/zenodo.12753100

Nikos Gousgounis¹

1

Resumo: Este paper explora a concepção única de fronteiras geográficas e culturais presentes nas obras de Jules Verne, especialmente entre 1863 e 1905. A discussão central gira em torno da ideia de que as fronteiras físicas, como montanhas e rios, definiram civilizações antigas, enquanto as fronteiras culturais são fluidas e mutáveis devido à migração e colonização. Verne, através de suas "Viagens Extraordinárias", ilustra uma geografia onde a imaginação transcende as limitações físicas, propondo visões futuristas como ilhas móveis e uma globalização cultural que desafia noções tradicionais de nação e etnia. A obra de Verne é destacada por sua contribuição pedagógica e enciclopédica ao conhecimento geográfico, ao mesmo tempo em que incorpora elementos mitológicos e fantásticos, proporcionando uma narrativa única que mescla descobertas geográficas com reflexões sobre a condição humana. O artigo conclui que a abordagem de Verne antecipa aspectos da literatura de viagem contemporânea, onde o autoconhecimento e a exploração de espaços exóticos são interligados, reforçando a relevância contínua de suas obras na compreensão da geografia cultural e física.

Palavras-chave: Geografia Fantástica. Fronteiras Culturais. Literatura de Viagem

Abstract: This paper explores the unique conception of geographical and cultural boundaries present in the works of Jules Verne, especially between 1863 and 1905. The central discussion revolves around the idea that physical boundaries, such as mountains and rivers, defined ancient civilizations, while cultural boundaries are fluid and mutable due to migration and colonization. Verne, through his "Extraordinary Voyages," illustrates a geography where imagination transcends physical limitations, proposing futuristic visions such as mobile islands and cultural globalization that challenge traditional notions of nation and ethnicity. Verne's work is highlighted for its pedagogical and encyclopedic contribution to geographical knowledge, while

¹ Doutor em Antropologia Social Universidade de Sorbonne. Professor Pedagogical Institute of Athens University. E-mail: nikos333999@yahoo.gr

Recebido em: 12/05/2024

Aprovado em: 14/07/2024

Sistema de Avaliação: *Double Blind Review*



also incorporating mythological and fantastical elements, providing a unique narrative that blends geographical discoveries with reflections on the human condition. The article concludes that Verne's approach anticipates aspects of contemporary travel literature, where self-discovery and the exploration of exotic spaces are intertwined, reinforcing the continued relevance of his works in understanding cultural and physical geography.

Keywords: Fantastical Geography. Cultural Boundaries. Travel Literature

A Geografia Fantástica tem Fronteiras? Pode-se dizer que as únicas fronteiras possíveis são as culturais, mas mesmo essas fronteiras são fluidas. Onde um dialeto não pode mais ser compreendido, novas e peculiares fronteiras são encontradas, mas mesmo essas fronteiras culturais não são definitivas, pois as populações geralmente se movem como nômades, colonizadores, refugiados ou, recentemente, migrantes. Junto com eles, as fronteiras culturais também se movem. O que permanece estável são as fronteiras naturais, montanhas ou rios, que separam países, como os Pirineus separando a França da Espanha, ou o rio Reno separando a França da Alemanha. Essas fronteiras físicas, dentro de seus limites, definiram e estigmatizaram *strictu sensu* todas as grandes civilizações antigas, como a egípcia, no vale e Delta do Nilo, as fronteiras da Babilônia na Mesopotâmia (entre os rios Tigre e Eufrates), da Índia Ocidental no vale do rio Indo, da China desde as altas montanhas do Himalaia até os desertos de Taklamakan e Gobi ao norte, e até o mar da China no Leste. E enquanto essas grandes civilizações da Antiguidade eram limitadas pelas fronteiras físicas e permaneciam estáticas e estáveis, algumas populações inquisitivas que viviam perto do mar, como os fenícios e os gregos, criaram colônias ao redor de toda a bacia do Mediterrâneo e transferiram sua cultura para onde quer que fundassem postos comerciais ou portos.

Hoje, no século XXI, as fronteiras tendem a ser anuladas mais uma vez. As fronteiras artificiais do Terceiro Mundo, na maioria das vezes criadas pelos colonizadores ocidentais, começam a ser disputadas (Nigéria, Gana, Camarões, Sudão, Líbia, Chade, Uganda, Congo, etc.), ao mesmo tempo em que populações minoritárias dos chamados países ocidentais desenvolvidos reivindicam sua autonomia e planejam novas fronteiras (catalães, bascos, bretões, escoceses, irlandeses). Outras populações no Terceiro Mundo também pedem autonomia e distanciamento do estado central (curdos, uigures, chechenos, balúchis). Finalmente, outras populações migram em massa do Terceiro para o Primeiro Mundo, em busca de um destino melhor, levando consigo sua cultura, língua e religião, por necessidade. Todas as conquistas do século XXI são feitas pacificamente através da migração, resultando em novas

nações mosaico. Quanto às fronteiras virtuais do ciberespaço, podemos falar sobre um novo aspecto de um estado nacional, que perdeu qualquer significado e se tornou uma aldeia global, falando inglês quebrado ou inglês da internet. Mas o que realmente falta em toda essa evolução é a imaginação necessária para vestir a geografia com suas próprias roupas fantásticas.

Para dar um exemplo. A visão fantástica eterna de Jules Verne, resumida em três palavras latinas *mobilis in mobili*, nunca foi realizada senão na ficção ("*L'Île à Hélice*"), mas nunca deixou de ser uma situação potencial que, com a ajuda da alta tecnologia moderna, poderia se tornar prática. Uma ilha inteira, física ou artificial, movendo-se no imenso oceano, aqui está a visão de Verne e, subsequentemente, todas as outras ilhas, recifes de corais e atóis existentes, movendo-se e abolindo qualquer noção de fronteira e qualquer sentido de nação, enraizados nos sítios ancestrais. Que significado deveria realmente ter a noção de pátria se movendo o tempo todo e mudando diariamente o estigma geográfico de tal forma que ninguém poderia encontrá-la em um ponto específico de um mapa, mas sim procurá-la por um satélite em mapas móveis especiais, semelhantes aos mapas meteorológicos para mudanças diárias do clima?

Há cerca de 30 anos, a organização internacional de pequenas ilhas foi fundada. Todos esses pontos, incapazes de sustentar qualquer noção de pátria, no entanto, oferecem refúgio a inúmeras populações de várias culturas, criando pequenos paraísos cosmopolitas de convivência e cooperação. Ilhas como Maurício, Seychelles, Ilhas Comores, todas as ilhas do Caribe, mas também da Melanésia e, finalmente, da Polinésia, têm muito a nos ensinar sobre as possibilidades de coexistência, não de duas ou três, mas de muitas culturas no mesmo perímetro geográfico. Jules Verne passou toda a sua vida, desde a infância, sonhando com esse tipo de ilhas remotas no estilo Robinson Crusoe, para um colonialismo ideal de uma pequena comunidade onde os resultados seriam admiráveis por qualquer aspecto social e antropológico. Essas pequenas ilhas, sem bandeiras e fronteiras, como se flutuassem completamente nas ondas do oceano, poderiam possivelmente constituir pátrias-paraísos ideais do futuro, sem qualquer diferença ideológica ou linguística, onde a Natureza finalmente tomaria sua justa vingança, estabelecendo mais uma vez suas próprias leis onipotentes, dignas de respeito por populações de diferentes heranças e mentalidades.

Verne inaugurou sua 65ª Viagem Extraordinária, como dissemos anteriormente, com "Cinco Semanas em um Balão" em 1863, escolhendo o ponto significativo de Zanzibar como ponto de partida da viagem pela África em um balão. Qual poderia ser o elemento que encantou

o geógrafo fantástico que não se deu ao trabalho de explorar o caminho desconhecido como tantos de seus heróis fizeram? A descoberta das verdadeiras fontes do rio Nilo "de cima", algo como um panóptico do Continente Negro enquanto o cruzava horizontalmente através do Equador, e em direção ao Noroeste até o Senegal, em outras palavras, uma linha direta virtual do Oceano Índico ao Oceano Atlântico. Talvez sua visão fosse que o futuro das explorações deveria ser realizado a partir do ar, em uma era onde até mesmo tirar fotografias era impossível. O mais importante é o objetivo que, além de reivindicações territoriais e outros pecados colonialistas, tenta tirar da sombra as zonas cinzentas do planeta Terra, ou seja, as regiões inexploradas.

Hoje, a última parte remota do planeta Terra foi explorada, classificada e reconhecida por satélites (*Google Maps*), mas, no entanto, as fronteiras convencionais permanecem onde não existem fronteiras físicas. Qual poderia ser o futuro de uma imagem panóptica onde nada pode ser escondido sob o sol? As fronteiras não permanecerão por muito tempo, e a noção artificial de nação-etnia perderá sua significação histórica e cultural no momento em que milhões de casamentos mistos amalgamarem raças e populações em todas as combinações possíveis, e o sentido do aristocrata de sangue puro perderá seu significado diante do fluxo de recém-chegados.

Na antiga língua grega, o misterioso termo *ethnos* carece de etimologia, ou seja, não conhecemos sua raiz. Se esse termo não significava algo concreto em uma língua tão polissignificativa como o grego antigo, onde cada palavra significava algo, então é óbvio que Heródoto foi o primeiro a criar esse termo usado em suas histórias, em seu esforço para evitar sistematicamente o termo sobrecarregado *laos*. No futuro, esse termo artificial e tecnicamente construído irá para a lixeira da história e será substituído pelo termo *anthropos*, e todas as ciências derivadas como etnologia, etnografia etc., serão substituídas pela antropologia.

Geografia mítica

Muitos críticos contemporâneos, principalmente franceses, enfatizam a insistência de Verne em assuntos geográficos. O próprio Verne, após sua declaração, considerou como sua missão a vulgarização do conhecimento geográfico, necessário para ele ser propagado principalmente para os jovens. Se esse objetivo parece ser pedagógico ou enciclopédico, o fato é que Verne realizou seu sonho no mais alto grau. Muito poucas são as regiões do planeta que

ele não cobriu em seus 64 volumes de *Viagens Extraordinárias*². No entanto, o que deve ser especialmente notado não é apenas a cobertura enciclopédica da ciência geográfica, mas a consideração chamada de fantástica-mitológica da noção de *locus* habitado ou inabitado, essa consideração especial que nenhum epígono ambicioso poderia imitar e que, em combinação com os detalhes geográficos, leva o leitor ao resultado fictício onde a semelhança é o ponto final realizado na maioria dos casos.

O que alguém poderia dizer hoje sobre essa consideração mitológica do sentido de espaço, um tópico que Verne evoluiu a um grau absoluto, criando um protótipo literário que não tinha precedentes e que ninguém pode copiar? Qual poderia ser a receita secreta de tal sucesso? Poderia essa consideração mitológica-fantástica ser uma antecipação da literatura de viagens de hoje, onde os pensamentos pessoais do viajante sobre o autoconhecimento são combinados com informações sobre lugares exóticos, onde o leitor escolhe os elementos mais impressionantes? É certo que todo viajante que muda de paisagem e de conhecimentos humanos, finalmente descobre, sob tudo isso, seu próprio eu. Seja na primeira pessoa da narrativa, ou na terceira pessoa da ficção, com heróis que servem ao seu propósito, o autor viajante tenta dar o estigma de um novo espaço por meios literários. Mas Verne foi muito além desse objetivo, alcançando na maioria dos casos a chamada identificação do leitor com seu herói jovem ou de meia-idade.

REFERÊNCIAS

VERNE, J. **Eight hundred leagues on the Amazon**. [Ebook] Project Gutenberg, 2016.

VERNE, J. **La Jangada: Huit cents lieues sur l'Amazone**. Monaco: Du Rocher, 2005.

VERNE, Jules. **Around the World in Eighty Days**. Translated by George Makepeace Towle. London: Penguin Classics, 1873.

VERNE, Jules. **Five Weeks in a Balloon**. Translated by William Lackland. New York: D. Appleton and Company, 1869.

² Japão, Egito, Portugal, Marrocos, Irã, Iraque, Afeganistão, Indonésia, Malásia, Filipinas, Indochina, Tailândia, Birmânia, Tibete, Síria, Palestina, Suécia, Dinamarca, Finlândia, Etiópia, Líbia, República Tcheca, Eslováquia, Polônia.

VERNE, Jules. **Twenty Thousand Leagues Under the Sea**. Translated by anonymous. Project Gutenberg, 1994.